

A VERDADE

ASSIGNATURA

POR ANNO 1\$000

Livre de porte

ORGAN CONSERVADOR

ASSIGNATURA

POR SEMESTRE 5\$000

Pagamento adiantado

REDACTOR EM CHEFE---BACHAREL THOMAZ ARGEMIRO FERREIRA CHAVES

NUMERO AVULSO 250 RS.

DIRECTOR GERENTE—THOMAZ H. CALDEIRA DE ANDRADA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

SANTA CATHARINA

LAGUNA

SANTA CATHARINA

Ano V

Domingo, 16 de Setembro de 1883.

N. 2-11

O directorio central do partido conservador deste 2.º districto, na cidade da Laguna, faz publico que o candidato escolhido por esta localidade para o logar de deputado provincial, no biennio de 1884-1885, é o sr. dr. Thomaz Argemiro Ferreira Chaves, advogado, residente nesta cidade.

O mesmo directorio pede a approvação e concurso de todos os srs. eleitores para o triumpho dessa legitima candidatura.

Laguna, 30 de Julho de 1883

Ao eleitorado do 2.º districto

Sou de novo candidato a uma cadeira na assembléa legislativa provincial do futuro biennio de 1884-1885, por escolha, ainda, de amigos dedicados, que querem a minha re-eleição.

Entendo de meo dever apresentar-me deante d'aquelles que, já uma vez, honraram-me com os seus votos, e pedir lhes o seu apoio.

Si tenho ou não direito a merecer, desta vez ainda, a sua confiança, respondam os serviços por mim prestados na assembléa provincial, cuja legislatura findou.

O meo programma resume-se n'isto: fazer todo o bem que puder á provincia, facilitando-lhe os meios de ter ella mais vida, mais incremento, mais prosperidade.

Faço tambem uma promessa.

Tem sido olhados por alguns, como ediosos e vexatorios, os impostos novos decretados pela assembléa no orçamento que vigora.

Não o são; evidentemente ficou demonstrado nas columnas desta folha: mas prometto, não obstante, que, na proxima reunião da assembléa, proporei sua revogação.

Faço-o, porque, quando dei o meo voto a esses impostos, foi considerando-os transitorios, para serem eliminados em tempo opportuno; e, si votei por elles, é que as circumstancias da provincia, n'aquella occasião, exigiam um pequeno sacrificio do povo catharinense.

Sei que procura-se explorar, com esse meo procedimento; mas o brioso eleitorado que levou-me á assembléa, na sessão passada, não deve escutar o que dizem os sycophantas politicos que, só por serem meos desaffectedos, guerreiam minha candidatura.

Nas mãos do independente eleitorado lagunense entrego a minha causa.

THOMAZ A. F. CHAVES

25 de Agosto de 1883

A VERDADE

16 de Setembro de 1883

O sr. Fidelis em campo

Ao nosso escriptorio trouxeram a carta, *infra transcripta*, que fôra encontrada n'uma das ruas desta cidade.

Ao que parece, a missiva é uma das circulares que a alguns eleitores tem dirigido o sr. Fidelis, pedindo votos para o sr. tenente coronel Domingos Luiz da Costa.

Por um feliz acaso desenca-minhou-se ella de seo destino e veio ter a nosso poder.

Felicitamo-nos, por isso, porque esse documento, para nós, tem certa importancia, tanto que vamos, já, dar-lhe publicidade; e, para que não perca pela originalidade, publicamol-o com a redacção e orthographia do proprio autographo.

Chamamos a attenção de nossos amigos para essa peça archimonumental, e recommendamos sua leitura; sendo que garantimos a authenticidade della, porque temos o original em nosso escriptorio, para mostrar a quem desejar vel-o.

«Laguna 29 de Julho de 1883

Illmo. amo. e Sr. Já deve saber que apresentou-se e foi aseito pelo o partido conservador desta Cidade para representar na semblaia provincial por este municipio, o nosso am.º Ten.º Coronel Domingos Luiz da Costa, este nosso am.º, que não persiza fazer carreira na magistratura, não curvara aos caprixos de hum Prezidente Liberal como aconteseo com o maior n.º dos que representarão na ultima reunião da semblaia creanddo hum omissão de empostos que só podia ser lembrado por endeviduos mal entencionados e que só querem o seo bern estar. São nosso companheiros toda a Fam. dos Pachecos DOR GALVÃO, M.º Cravo—M.º Ramos—Her-nesto Go's—Antonio Dias e hou-

tros muitos, (*) O am.º. tão bem já deve saber que continua na dessedencia o Sr. Dr. Chaves e com seus companheiros fazem guerra tenas ao partido comservador por isso que temos recorrido aos verdadeiros sustentaculos das ideias do grande partido da ordem para que empreguem suas valiosas emfluencias a fim de que treufe o nome do nosso candidato. não tenho hido a essa entender-me pessoalmente com V. S.º porque tenho estado hum pouco adoentado Mais logo que possa chegarei athe lá para melhor nos entender. Se V. S.º. entender que esta hé digna de ser respondida mande entregar a resposta ao Sr. Antonio Machado da Roza; e com toda a franquesa desponha.—Do seo att.º. am.º. cr.º. e obr.º.—Fidelis Alves Ouriques—P. S. A eleição hé no dia 30 de 7br.º. proximo futuro —Do m.º. Ouriques—»

Eis ahi transcripta, *ipsis verbis*, a carta-circular do sr. Fidelis, á qual vamos fazer alguns commentarios, para confusão, ao menos, do seu autor.

Não é verdade, como se abalança a dizer s. s., que a candidatura do sr. tenente coronel Costa fosse acceita pelo partido conservador desta cidade; não, porque quem accitou-a, a principio, foi o sr. Fidelis, sómente, com certa ostentação, e, depois d'elle, uns tres ou quatro co-re-

(*) O gripho é da redacção.

ligionarios nossos, com bastante reserva.

E não é a esse pequeno grupo, de certo que he de chamar-se o partido conservador da Laguna.

Candidato do partido, bem o sabe o sr. Fidelis, e os poucos que o cercam, é o nosso amigo o sr. dr. Chaves, por cuja re- eleição já se tem manifestado mais de duas terças partes do eleitorado conservador, e por quem quasi todos os amigos trabalham, para uma victória completa.

O sr. Fidelis está arriscado, até, a ficar só em campo, como arvore secca açoitada pelo vento e que tivesse escapado da tormenta.

Sim, porque, mesmo, dos poucos cavalheiros, cujos nomes citou s. s. em sua carta-circular, alguns não o acompanham e, além daquelles, não sabemos si haverá mais quem queira prestar-se aos planos do sr. Fidelis que está prestando-se, por sua vez, aos planos do sr. dr. Galvão.

E chamar de dissidentes aos que sustentam a legitima candidatura do sr. dr. Chaves!

Si não fosse uma ironia diriamos ser um disparate.

Dissidente é o sr. Fidelis e tres ou quatro conservadores mais que, sem nenhum motivo, abandonam as fileiras de seu partido, para darem combate aos proprios amigos.

Encaremos por outro lado a carta-circular de s. s.

Dizia-se, com certa insistencia, que os srs. dr. Galvão e Machado, de accordo com o sr. Fidelis, sustentavam a candidatura Costa e faziam guerra á candidatura Chaves; não que elles o revelassem, porque mesmo não o podiam, o primeiro, por sua posição de juiz, o segundo por sua qualidade de estrangeiro.

Eis, porém, que, agora, vem o sr. Fidelis, com um documento firmado por seu proprio punho, descobri-l-os; e, de duas uma—ou a carta-circular de s. s. é a ex-

pressão da verdade, e, neste caso, é altamente censuravel o procedimento do juiz e do estrangeiro que se envolvem nos pleitos eleitoraes, ou não o é, e, então, o sr. Fidelis é que merece a mais acre censura, por envolver em suas cabalas os nomes de pessoas que a tal não o autorisaram.

Emprazamos, pois, aos srs. dr. Galvão e Machado para que contestem, nesta parte, a carta circular do sr. Fidelis, contestando tambem o mesmo sr. Machado o facto de servir-se de cartões de visita aos o sr. Fidelis para cabalar em seu nome; para essa contestação franqueamos-lhes as columnas desta folha.

Si o não fizerem até o domingo proximo, tomaremos o seu silencio por confirmação do que diz e faz o sr. Fidelis.

Depois voltaremos.

GAZETILHA

Estafêta.—O estafêta de nome Maximiano é relaxadissimo no cumprimento de seus deveres. Não ha uma só vez que elle chegue a esta cidade com a mala da capital no dia e hora marcada: chegando ordinariamente no dia seguinte, ao marcado, procedendo assim tão intencionalmente que, quando isto lhe é observado e estranhado, elle, clinicamente responde «que com o dia da chegada aqui pouco se importa, bastando-lhe ser pontual na volta para a capital!!»

Não sendo possivel que continue este empregado a proceder por tal forma, sem ter ao menos uma correcção qualquer, pedimos para o facto narrado, e que é aqui por todos sabido, a seria attenção do sr. administrados geral dos correios da provincia e do sr. agente n'esta cidade.

O sr. Major Collaço.—Tivemos a satisfação de ter, ha poucos dias, entre nós, o nosso venerando amigo o sr. major Luiz Martins Collaço, distincto chefe do partido conservador na visinha comarca do Tubarão, livre de todo do incommodo de que tinha sido accorremittido.

Congratulamo-nos com s. s. pelo seu completo restabelecimento.

Juiz municipal.—Foi exonerado do cargo de 2.º supplente do juiz municipal d'este termo o sr. José Caetano Teixeira, actual agente do correio desta cidade.

Candidatos.—São já conhecidos os seguintes candidatos á deputação provincial.

Pelo partido conservador foram apresentados os srs. dr. Thomaz Argemiro Ferreira Chaves, Augusto Frederico de Souza Pinto, Antonio Pereira da Silva e Oliveira e Francisco Victorino dos Santos Furtado.

Pelo partido liberal os srs. major Francisco Tolentino Vieira de Souza, Tenente Coronel Francisco da Silva Ramos, Capitão Francisco Gonçalves da Silva Barreiros e Manoel Gonçalves da Costa Barreiros

Todos para representarem este 2.º districto na futura assemblea provincial.

Promotor publico.—Foi afinal exonerado o celebre promotor publico da comarca de Lages Pedro José Leite Junior.

Jury.—A 17 do corrente terá lugar a 3.ª sessão ordinaria do jury d'esta cidade.

Segundo nos consta serão submettidos a julgamento, tres processos, sendo defensor de um dos réos o nosso am. Dr. Chaves e dos outros dous o Sr. Manoel Gonçalves da Costa Barreiros.

Passamento.—A 13 do corrente falleceu a Exma. Sra. D. Maria Candida dos Reis, veneranda mãe dos nossos amigos srs. José Pedro da Silva Pinto, Tenente Coronel Luis Pedro da Silva e João Pedro da Silva Pinto.

A estes amigos e aos mais parentes da finada damos nossas sinceras condolencias.

E de F. D. Pedro I.—Por telegramma da capital, que nos mostrarão, sabe-se ter chegado á corte o Sr. Dr. Sebastião Braga acompanhado do pessoal scientifico, que vem para a provincia proceder aos estudos do traçado da estrada de ferro D. Pedro I.

Esta noticia foi freneticamente festejada na capital e com razão, porque os estudos do traçado são o preliminar de futura construcção da estrada de ferro, que ligando esta á visinha provincia do Rio Grande do Sul, trará para ambas maior desenvolvimento e prosperidade.

Parabens, pois, á ambas as provincias.

Processo dos juizes de paz.—Por despacho do sr. vereador Guerra, servindo de juiz de direito, foi julga la imprecédente a denuncia dada contra os nossos amigos juizes de paz Custodio José de Bessa, João Pedro, Silva Bessa e Bernardo Antonio Nunes Barreto.

Felicitemos aos nossos amigos.

Imprensa.—Recebemos e agradecemos:

O «Almanak das Provincias do imperio do Brazil» e a «Relação dos jornaes, revistas, etc.» que se publicam no mesmo imperio, que nos foram enviados pela casa dos srs. H. Laemmert & C.ª.

O «Manifesto da confederação abolicionista» do Rio de Janeiro;

A «Tabella dos preços do cabo submarino; e diversos jornaes.

VARIÉDADE

Esperança

(ESBOÇO DE UM QUADRO VULGAR)

O nosso illustre collega da «Revista das Canarias» publicou em seu n. 54 um interessante artigo que julgamos conveniente reproduzir em nossas columnas porque seu autor condemna com sobrada razão uma injustiça social que nós temos combatido e estamos dispostos a combater sem descanso.

Impera na sociedade o erro de que o que é na mulher um crime, é uma levissima falta no homem; e, consequente com tão absurdo principio, ella está sempre disposta a ser inexoravel para aquella e indulgente para este. O malvado que põe dia após dia em jogo todos os artificios que surgem seu depravado coração e intelligencia, só no mal exercitada, para perder a desgraçada joven que em suas frivolas palavras e mentidas promissas, crô; a sociedade o julga com a mais culpavel indulgencia, quando não chega esta a ser responsavel por seu horriavel crime applaudindo-o como invejavel conquistador. E em troca, essa mesma sociedade reserva todo seu desprezo para a victima do crime que applaude, e não perdoa jamais uma falta devida, talvez, á inexperiencia, a extraviada paixão ou a pernicioso sujeição.

Em face de tão irritante injustiça, nós sustentamos que não ha mais que uma moral igual para todos, e que nada ha tão absurdo, tão immoral e tão iniquo, como medir co-

distincta medida e pezar com balanças diferentes, as faltas e crimes, segundo o sexo a que o autor pertence.

Eis agora o artigo da «Revista das Canárias» a que nos referimos.

«Ha um escriptor na Hespanha, Henrique Rodrigues Solis: que tem se dedicado em defesa da mulher, ou melhor dizendo em defesa da justiça, obras tão discretas como favoravelmente julgadas pela critica.

Quem não tem lido «A mulher defendida pela historia, a sciencia e a moral?»

Quem não tem admirado o realismo photographico «Das extraviadas?»

Um firme proposito tem inspirado o distincto escriptor; demonstrar que não é a mulher que se tem prostituído, si não que, pelo contrario, tem sido o homem o que tem prostituído a mulher.

E como consequencia da verdade demonstrada, demanda protecção para o sexo debil, chama contra as desigualdades irritantes, advoga a extincção dos privilegios e pede aos homens em nome de Deus, justiça para as mulheres.

A leitura dessas obras suggeriu na minha esteril imaginação o pensamento de trazer o esboço com o titulo **ESPERANÇA** com o unico proposito de fazer propaganda em favor de uma idéa cuja realisação trará, no meu entender, uma grande moralidade e uma grande justiça.

Eis aqui o esboço:

I

Era rubra, rubra como os anjos que cantam louvores a Deus.

Seus olhos tinham o calor do céu, em dias esplendidos da primavera.

Gruta de amor era sua boca.

Em sua frente quebrava o sol a pareza de seus raios.

As flores dos dezeseis Janeiros haviam saudado seu passo pelo mundo.

Era um type ideal de mulher.

Uma dessas mulheres que se amam desde que se vêm.

Um desses anjos que se adivinham, que se presentem, que se sonham.

Chamava-se Esperança.

II

Ainda não contava dez annos a menina quando em um mesmo dia perdeu seus pais.

Que immensa desgraça!

Só, triste, sem amparo, abandonada, o pranto foi o constante companheiro de sua orphandade.

A glacial indifferença do mundo a rodeava.

Não houve mão carinhosa que estreitasse as suas, nem coração que batesse ao sentimento de sua pena, nem lagrimas compassivas que mesclassem suas amargas lagrimas.

Solidão e dor.

Eis aqui a vida da tenra Esperança, quando a branca corôa dos quinze annos esmaltára de perfumadas flores a sua frente.

III

Um dia... quantos ignaes registra em suas paginas a lutuosa historia da orphandade! um dia chegou aos seus ouvidos o echo vago de um suspiro. O suspiro tomou logo a fórma apaixonada de uma palavra de amor: que as vezes o torpe desce ao leviano proposito se enfeitando com os atavios do mais puro dos sentimentos.

A menina enxugou as lagrimas e sorriu pela vez primeira.

Na candidez de sua alma pura, na sôde de carinhos, e na ancia de amar que sentia, não imagiou, não podia imaginar que o canto seductor da serêa fosse o iman de traição ao abysmo da morte.

Em sua innocencia, julgou hymno de gloria e de felicidade.

Quanto se enganava!

Abrigou em seu seio a aspide e esta poude mansamente infiltrar-lhe seu pessonhento virus.

Esperança creu na mentira que se apresentava traidoramente disfarçada com as roupagens da verdade.

Necessitava crer e crêa.

Amou porque necessitava amar.

Troçou pelo calor do carinho, o frio mortal do seu isolamento.

Estava sedenta e aceitou o veneno que com o nome de amor lhe foi servido em copo de ouro.

Pobre Esperrança.

IV

Decorrido apenas um anno, as petalas de rosas da pobre orphã adqueriram as pallidas tintas da levidez.

Já o suspiro de amor não resoava em seus ouvidos.

A fé jurada foi criminalmente mentida.

As carinhosas promessas, tristes realidades do desengano tardio.

A soledade tornou a rodear Esperança, envolvendo-a em um manto de sombras, impenetravel a toda apparição do gozo.

O mundo e a sociedade, tribunizes sem appellação, proscreeveram-na de seu centro, condemnaram-na sem ouvir-a, marcaram sua frente com o estigma dos reprobos.

A desesperação tomou lugar a dôr tranquilla: o tenaz remorso a perdida esperança.

Nem o consolo das lagrimas teve a desventurada.

Infelizes os que não choram!

Infeliz Esperança que não podia chorar.

Em vão a sciencia buscou ufansa remedio ao mal da pobre enferma.

A medicina é impotente as feridas da alma.

O cancrô da dôr não se extirpa com o escalpello do anatomico.

Ante a verdadeira importancia brilha o desejo generoso que nada existe no humano capaz de contradizer a silenciosa e acabrunhadora accusação do remorso.

De hora em hora Esperança se sentia morrer.

Perdidos seu amor e sua honra só, orphã, abandonada, quicá a morte era a unica esperança que lhe sorriu, o só consolo de sua crescente amargura.

Não tardou a morte libertal-a do pesado fardo da vida.

Uma tarde, quando o sol ao occultar-se atraz dos altos montes, enviava a terra os ultimos beijos de sua luz: nessa hora de melancolia em que as flores feham seus calices e os passaros modulam somnolentos, seus ultimos cadenciosos cantares: nos momentos fugaces em que o consorcio mysterioso das trevas com a aurora nasce vago e indefinivel o crepusculo; na hora, dizia Esperança, a pobre peccadora do amor, inclinou a cabeça angelica à terra, deixou escapar pelos entreabertos labios um suspiro e fixando com ancia fervorosa seos olhos no céu, para elle estendeu seus braços anhelantes.

Ditosa Esperança!

—

Aqui termina o esboço do quadro vulgar que propuz apresentar aos illustrados redactores da «Revista das Canárias.»

Sei que nada que seja novo, dis-

se: sei que a historia de uma pobre menina que, abandonada por seu seductor, morre olvidada do mundo e proscripta da sociedade, não é assumpto, (por infelicidade) que despertaria a descripção litteraria de um baile no grande mundo, por exemplo. Porém sem embargo tenho a creença de que convem muito que o mundo e a sociedade se fitem em certas «vulgaridades,» cujo exame accusa pelo menos a necessidade de estudal-as primeiro, para ver se ha algum mal que se possa remediar depois.

O proprio assumpto do esboço servirá para esclarecer a minha idéia.

Esperança, orphã, desamparada, creu e amou, na idade que imperiosamente se sente necessidade de amar.

Este foi seu peccado.

Esta foi sua culpa.

Peccado completamente de origem natural.

Culpa commum a todos que nascem.

A seducção estendeu seus braços.

Um homem com mentido amor despedaçou a flor de sua pureza.

Foi com traição, foi acariciando-a.

O crime consummou-se.

A sociedade abre processo para depurar a falta, o delicto, o crime ou o que for entre os que commetteu.

Sem embargo um só réu comparece na presença do Juiz.

Um só réu é condemnado.

Outro absolvido.

Esperança morre.

Seu seductor vive.

Não é verdade que convém pensar em certas «vulgaridades» afim de se achar o remedio para muitas injustiças?

(Extr.)

A P E D I D O

A nomeação do Sr. Monte Claro em substituição ao Sr. Henrique de Sousa

Dois actos do nosso ex-presidente o Sr. Theodoro Souto, que servirão de padrão de gloria para perpetuar os ultimos dias de sua administração acabão de tomar assignalado logar na historia da provincia.

São a exoneração de Sr. Manoel Henrique de Sousa dos cargos de administrador das mesas de mesas

geraes e provinciaes d'esta cidade, e a nomeação do Sr. José Fernandes Monte Claro para substituí-lo em um dos alludidos cargos, como seja a administração das rendas provinciaes.

Uma ligeira analyse é sufficiente para reconhecer-se que o Sr. Theodoro, mal avisado, andou malissimamente.

Ninguem entre nós deverá ignorar qual o motivo que era apontado pelos felizes da situação, como legitima causa para o Sr. Manoel Henrique ser apeado do cargo, que com dignidade occupava, que só serviria para sua conservação, visto que versava sobre o cumprimento do seu dever como empregado zeloso; no entanto o Sr. Theodoro esquecido da alta posição que occupava, e do bom nome adquirido pelos seus precedentes, entendeu para satisfazer imposições de seus correlegionarios que assim procedendo, marchava em bom caminho, por claramente revelar-se liberal de peso, já que seu horizonte politico achava-se um tanto toldado, pela pratica de algumas justicas. Foi portanto uma clamorosa injustica. Em acto continuo,

nomeando o Sr. Monte Claro para substituí-lo, em um dos cargos, veio com isso ainda mais aggravar o mal, por quanto o Sr. Monte Claro, como queremos acreditar, quando mesmo inspirado dos melhores desejos de bem servir, sentir-se-ha embaraçado com os pedidos de seus co-religionarios com os quaes acha-se extremamente ligado.

Vemos que o Sr. Monte Claro andou um tanto precipitado, não reflectio com a precisa calma, deixando de aceitar pareceres de outros que sendo seus adversarios politicos são seus sinceros amigos, pois, si os tivesse accettato, teria de certo repellido um presente que inevitavelmente para o futuro muito terá de molestá-lo. E' consequencia que não pode falhar. S. S. porem politico como é em gráu elevado, desprezou os conselhos destes para abraçar os da sua parcialidade; o futuro lhe mostrará a verdade.

Conhecemos o Sr. Monte Claro, não de hoje, mas de longa data, e o facto de sermos seus adversarios politicos, não nos dá direito de escurecer a verdade, isto é, deixar de conhecer em S. S. qualidades que o

collocão bem longe de um mau juizo, razão porque qualquer pedido que a seu tempo se lhe faça em detrimento da fazenda, terá necessariamente de recasá-lo, por isso que, importará tambem em detrimento de seu criterio até então sem a menor macula.

Assim; ver-se-ha portanto forçado a abandonar o cargo, e, em todo caso, sempre em prejuizo dos nossos magros cofres, por quanto esse acontecimento trará inevitavelmente na respectiva repartição detrimento da fazenda, pela alteração na ordem de seus trabalhos, com o que a fiscalisação será prejudicada.

O Sr. Monte Claro ainda está em tempo de arripiar carreira, e como amigos desinteressados, aconselhamos que o faça, para evitar incommodos futuros; e, se não abraçar tão prudente conselho, terá sem duvida de arrepende-se, e então se lembrará porém, tarde, de nosso aviso.

Laguna, 12 de Setembro de 1883
Muitos lagunenses.

A Eleição Provincial

Recorro hoje a imprensa como unica mensageira leal dos nossos sentimentos para assim poder manifestar o que sinto a respeito de uma dissidencia vergonhosa que se está fazendo n'esta cidade.

Como lagunense que sou amante desta boa terra que tem sido sempre victima das alterações dos catharinenses contra isto aqui, não devo deixar passar desaperecebido esse facto, e venho lançar mão da penna para dizer verdades nuas e cruas.

Parece incrível que ainda haja homens que trabalhem fortemente com desbrío pela força da manivella de quem quer que seja para fazer-se deputado gente da capital como si aqui não houvessem homens habilitados para representar o nosso segundo districto. Isto é ter muito pouco amor a esta terra, é quasi um ultraje atirado de frente as faces daquelles que se considerão verdadeiros lagunenses. Pois ainda não estão satisfeitos com o que nos tem feito os deputados residentes na capital, que estão sempre de guerra viva contra esta cidade? Já se esquecerão? Pois eu nunca me esquecerei porque tenho sido bem calejado por elles lá e não vejo até o presente retribuições de melhoramentos feitos por elles, só perseguições. Ninguem ignora que apresentão-se quatro deputados para eleição provincial que se vai proceder no dia 30 do corrente, os quaes considero como filhos de lugar e a escola não podia ser melhor não desfazendo em outros muitos que ainda temos. São elles os srs.

dr. Chaves, Francisco Barreiros, Souza Pinto, e Manoel Barreiros; tem-se por conseguente onde escolher-se; eu tambem vou votar na qualidade de elector independente não me deixando levar por estes inscientes que trazem só após si as rancorosas e vis paixões d'alguem.

Eu é que nunca tive a dita de ser visitado por estes dissidentes e confesso que tinha desejo porque só assim eu renderia-me e o manual da educação trabalharia tambem. Vou concluir este artigo só dizendo que qualquer elector que se tem por lagunense si desviar-se destas verdades que aqui ficão expostas não passará mais do que uns inimigos declarados do progresso d'esta terra. Lagunenses unam-nos todos e vamos no dia 30 do corrente votar e conhecer ao mesmo tempo os destruidores que generão depois sob o peso do remorso.

A sentinella.

Pergunta innocente

Pergunta-se ao director da sociedade muzical *União dos Artistas*, o motivo porque não responde ao artigo assignado—*Os pobres de Paris*—publicado no n.º 240 deste jornal?

Pois, si não o fizer, está muito susceptivel cahir em descrédito, perante o publico lagunense; e, uma sociedade como esta, que tem tantos annos de existencia, e, que gozou, até aqui, de algum conceito, póde hoje, desmerecer delle, por uma simples questào de—*graça*.

Portanto, esperamos.

A. c. n. b.

Bibliotheca popular

Pergunta-se qual a razão por que não se abre mais a bibliotheca á noute? Será por causa do dinheiro que se gasta com kerosene?

Creio que não.

Un jeune homme qui veut lire, á s'instruire.

EDITAL

Pela Mesa de Rendas Provinciaes, se faz publico, que se acha concluido o lançamento do imposto do commercio e outras classes relativo ao corrente e exercicio de 883 a 1884.

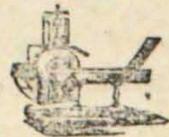
Os collectados que tiverem de reclamar contra o mesmo

lançamento, o deverão fazer no praso de 30 dias a contar da presente data, de conformidade com o art. 22 do regulamento de 30 de Julho p. passado.

Mesa de Rendas Provinciaes da Laguna, 25 de Agosto de 1883.

O Agente do Administrador,
Julio Caetano Teixeira.

ANNUNCIOS



Imprime-se com promptidão, e perfeição, nesta typographia, todo trabalho avulso inclusive mappas, sendo por modicos preços.

Camara Municipal

Os Senhores lavradores destes municipio que quizerem fazer emsaio da plantação de trigo, da-se se mentos em pequena porção no paço da camara municipal.

O Presidente:

Marcolino Monteiro Cabral.

ADVOGADO

BACHAREL

M. J. DA GAMA E SILVA

Advoga na Laguna e Tabarão.

ULTIMA HORA.

Papel-moeda.—O sr. barão de Guahy apresentou á camara geral dos srs. deputados um projecto, fazendo a conversão de nossa moeda-papel.

Abolição da escravidão.—Tambem o sr. deputado Leopoldo de Bulhões apresentou outro, propondo a abolição da escravatura no Brazil.

Desfalque e prisão.—Tendo-se verificado um desfalque superior a 150:000\$000 rs. no cofre da casa forte da caixa da amortisação, foi preso o respectivo thesoureiro Luiz José da Costa Ferreira que declarou ser responsavel por esse desvio dos dinheiros publicos.

«Tyd d'A Verdade»